

Ethos e Pathos na Constituição do Gênero Testemunho Religioso na Mídia

Ronivaldo Moreira de Souza¹

RESUMO

Dado ao lugar central que o Testemunho Religioso ocupa na liturgia das igrejas neopentecostais e o evidente uso que fazem do gênero no contexto midiático como forma de persuasão e adesão de novos fiéis, esta pesquisa se propõe à investigação de como se dá a construção das imagens de si neste gênero de discurso. Para investigação do fenômeno recorre-se aos estudos sobre *ethos* e *pathos* nos teóricos da Escola Francesa de Análise do Discurso aplicando-os aos testemunhos que a Igreja Universal do Reino de Deus publica em sua página na internet: www.eucreioemmilagres.com.br.

PALAVRAS-CHAVE

Ethos. Pathos. Igreja Universal do Reino de Deus. Testemunho religioso.

ABSTRACT

Religious Testimony occupies a central place in the liturgy of neo-Pentecostal churches and the genre is widely used in the media context as a form of persuasion and accession of new believers. So, this article aims to investigate how is the construction of the images of themselves

¹ Doutorando em Comunicação pela UMESP. Orientadora: Dra. Elizabeth Moraes Gonçalves.

in this kind of discourse. In order to do that, it investigates the phenomenon through the study of *ethos* and *pathos* in theorists of the French School of Discourse Analysis by applying them to the testimonies the Universal Church of the Kingdom of God published on its website www.eucreioemmilagres.com.br.

KEYWORDS

Ethos. Pathos. Universal Church of the Kingdom of God. Religious Testimony

Introdução

Dado o lugar central que o Testemunho Religioso ocupa na liturgia das igrejas neopentecostais e o evidente uso que fazem do gênero no contexto midiático como forma de persuasão e adesão de novos fiéis, este artigo apresenta como se dá a construção das imagens de si neste gênero de discurso considerando-se a distância espaço/temporal entre a produção e o consumo do texto, e a natureza do suporte material no qual este discurso é veiculado. Para investigação do fenômeno recorre-se aos estudos sobre *ethos* e *pathos* nos teóricos da Escola Francesa de Análise do Discurso aplicando-os aos testemunhos que a Igreja Universal do Reino de Deus publica em sua página na internet: www.eucreioemmilagres.com.br.

Primeiramente, serão analisadas algumas características do Testemunho Religioso na tradição cristã e as mutações do gênero ao migrar da tradição oral para a mídia. Tendo em mente que a natureza persuasiva do gênero se pauta na proposta de um tipo ideal ao seu enunciatório, a pesquisa recorrerá aos pressupostos teóricos sobre a construção do *ethos* e do *pathos* no discurso midiático. Por fim, esses conceitos teóricos serão aplicados ao *corpus* delimitado nesta investigação.

Características do Gênero Testemunho Religioso

Para analisar o testemunho religioso se faz necessário conhecer alguns traços peculiares deste gênero. Oliveira define o gênero testemunho

como “aquilo que se declara a respeito de uma pessoa ou de um fato, com o objetivo de produzir convicção². Para o autor esta atividade comunicacional no meio religioso, especialmente no cristianismo, está atrelada à tarefa de comunicar o evangelho contribuindo para a divulgação da religião cristã. Segundo sua constatação, tradicionalmente o testemunho religioso se dava na forma de comunicação direta interpessoal ora de pessoa a pessoa, ora de forma pública durante as reuniões informais nas casas, e formais (cultos, missas) nos templos. O autor atesta que em sua “configuração original o gênero *testemunho cristão* estava somente no domínio religioso e na modalidade oral”³. Oliveira lembra ainda que no decorrer do tempo a prática quase foi extinta da liturgia católica e das igrejas protestantes históricas, porém, com o fenômeno do neopentecostalismo o gênero se tornou o centro da liturgia.

Francisco observou que o testemunho é uma forma tradicional de prédica protestante e também uma questão de obrigação de consciência para o crente. Basicamente, o gênero consiste em “um modo de narrar a vida a partir das mudanças instauradas pela crença. [...] Como uma marca da narrativa, o testemunho constitui-se no elemento estruturador da *performance* de quem “ao aceitar Jesus como seu salvador”, se reconhece e quer ser reconhecido como “nascido de novo”⁴. O autor observa que a proposta deste gênero articulado em dois momentos centrais – *antes e depois* – é construir no tempo presente uma nova identidade e um novo modo de afirmação social atravessado pelos valores da crença⁵. Sobre este *binômio* da estrutura narrativa do gênero, Mafra acrescentou que a “estrutura típica do testemunho [...] organiza-se segundo um processo de reconhecimento de um determinado estado

² OLIVEIRA, Derli Machado de. *Testemunho, mídia e prosperidade: o evangelho segundo o capitalismo neoliberal*. Dissertação de mestrado. São Cristóvão, 2010, p. 56. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=196747>. Acesso em: Jun. 2013.

³ OLIVEIRA, 2010, p. 58.

⁴ FRANCISCO, Adilson José. *Testemunhos de fé: Mídia e transformações religiosas contemporâneas*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: Julho 2011, p. 2. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300939137_ARQUIVO_TESTEMUNHOSMIDIATICOS-AnPuhADILSON.pdf>. Acesso em: Jun. 2013.

⁵ FRANCISCO, 2011, p. 3.

volitivo x que, com o auxílio ou intervenção de Jesus, transformou-se no estado y ⁶.

O uso do testemunho pela IURD

Diante das particularidades do gênero e dos indicadores de sua finalidade na prática religiosa pode-se recorrer a estudos já realizados neste campo tendo como *corpus* a recorrência do uso dos testemunhos pela Igreja Universal do Reino de Deus.

Campos observou que a espontaneidade discursiva que marcava o gênero em sua forma tradicional foi substituída na IURD pelo formato do tipo espontâneo-administrável onde predomina um claro direcionamento daquilo que o depoente deverá dizer, eliminando assim tudo o que poderia destoar do discurso padrão da igreja⁷. Nesta mesma perspectiva Francisco constata que o roteiro narrativo do testemunho dos fiéis da IURD se concentra na resposta a três perguntas básicas: “*Como era sua vida antes de chegar à igreja? Como você chegou até a igreja? Como está sua vida agora?*”⁸. Este roteiro assegura os eixos narrativos *antes/depois* tendo como ponto de transformação a intervenção da Universal.

Ao mensurar o fenômeno de forma quantitativa, Fonseca constatou que o *antes* nos testemunhos dos fiéis da IURD, definido pela expressão “fundo do poço”, ocupa em média 75% da narrativa e é sempre o ponto de partida dos depoimentos⁹. Mafra explica esta estrutura alegando que o “modelo testemunhal da experiência a nível individual está condicionado a uma disponibilidade anterior da pessoa para a transformação, quer

⁶ MAFRA, Clara Cristina Jost. *Religiosidades em trânsito*. O caso da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil e em Portugal. *Lusotopie*, 1999, p. 378. Disponível em: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/mafra.pdf>>. Acesso em: Jun. 2013.

⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis – RJ/São Paulo: Vozes/UMESP, 1997, p. 306.

⁸ FRANCISCO, 2011, p. 4.

⁹ FONSECA, Alexandre Brasil. *Igreja Universal*: um império midiático. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (orgs). **Igreja Universal do Reino de Deus**: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 271.

dizer, sem a insatisfação não há como produzir milagres”¹⁰. Moraes vai além quando diz que o fiel só desejará a recompensa ofertada pela igreja se de fato tiver necessidade dela e é por meio dos testemunhos que a audiência consegue identificar os problemas que devem ser solucionados em sua vida, ou seja, os “testemunhos funcionam como tipos ideais, sempre tocando em pontos nevrálgicos que afligem boa parte das pessoas”¹¹.

Ethos e Pathos na construção do Discurso Midiático

Ethos: a imagem discursiva do enunciador

Como apreender um objeto específico como o *ethos* numa produção que é resultado de um fazer coletivo? Fiorin toma como exemplo o cinema para explicar como a problemática do enunciador coletivo é, na verdade, um falso problema. Isso porque, do ponto de vista da significação, o que o enunciatário apreende é um todo de sentido e não o sentido dado por cada um dos sujeitos envolvidos na produção: figurinista, diretor de fotografia, etc. Sendo assim, o “problema real é como se processa a enunciação nas linguagens sincréticas, como as diferentes linguagens que a constituem manifestam um todo organizado de sentido”¹². Para tanto, é preciso recorrer a uma teoria geral da enunciação.

Ao teorizar sobre essa temática, Benveniste definiu os parceiros da enunciação como sendo o *eu* (instaurado no ato de dizer, aquele que produz o enunciado) e o *tu* (pessoa a quem o *eu* se dirige). Ambos são sujeitos da enunciação, visto que o *eu* produz seu enunciado levando em consideração o *tu*.¹³ Porém, essa concepção de enunciador e enunciatário como autor e leitor, produtor do texto e seu receptor, quando aplicada

¹⁰ MAFRA, 1999, p. 379.

¹¹ MORAES, Gerson Leite de. **Idade mídia evangélica no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 174.

¹² FIORIN, José Luiz. *Semiótica e comunicação*. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Piva; PORTELLA, Jean Cristtus (orgs). **Semiótica e mídia: Textos, práticas, estratégias**. Bauru: UNESP/FAAC, 2008, p. 79.

¹³ BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas-SP: Pontes Editores, 1995.

aos textos midiáticos, precisa de um cuidado especial, visto que não se busca apreender o “autor e o leitor reais, em carne e osso, mas o autor e o leitor implícitos, ou seja, uma imagem do autor e do leitor construída pelo texto”¹⁴.

Barthes investigou a construção da imagem do enunciador a partir dos estudos retóricos, concluindo que:

são os traços de caráter que o orador deve *mostrar* ao auditorio (não importando muito sua sinceridade) para causar uma impressão favorável [...]. Em sentido próprio, o *ethos* é uma conotação: o orador enuncia uma informação e *ao mesmo tempo* diz: eu sou isso; eu não sou aquilo¹⁵. (tradução nossa)

Como se vê, cabe ao analista apreender o sujeito construído pelo discurso, pois “o *éthos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito”¹⁶.

Para não incorrer em deslizos devem-se distinguir, do ponto de vista da produção do discurso, o *sujeito da enunciação* e o *ator da enunciação*. O primeiro é um actante implícito logicamente pressuposto pelo enunciado. Já o segundo, é definido pela totalidade de seus discursos¹⁷. Na busca pela apreensão dessa totalidade, Discini aplicou tais pressupostos buscando na materialidade discursiva da totalidade o *ethos* do enunciador de uma imprensa dita seria e de uma imprensa dita sensacionalista. A autora procurou, dentro dessa totalidade, recorrências nos elementos composicionais e estilísticos do discurso ou do texto¹⁸. Nessa perspectiva, a apreensão dessa totalidade é possível, porque “os diferentes

¹⁴ FIORIN, 2008, p. 79.

¹⁵ “son los rasgos de carácter que el orador debe *mostrar* al auditorio (no importa mucho su sinceridad) para causar una impresión favorable [...]. Em sentido próprio, el *éthos* es una conotación: el orador enuncia una información y *al mismo tiempo* dice: yo soy éste; yo no soy aquél”. BARTHES, Roland. **La Aventura semiológica**. Barcelona: Paidós, 1993, p. 143.

¹⁶ FIORIN, 2008, p. 82.

¹⁷ GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 45.

¹⁸ DISCINI, Norma. **O estilo nos textos: histórias em quadrinhos, mídia, literatura**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 117-220.

fazeres dos diversos sujeitos reais que atuam em sua produção estão subordinados a uma instância significante única”¹⁹.

***Pathos*: a imagem do enunciatário ideal**

Como já observado, a estrutura da enunciação comporta duas instâncias: a do enunciador e a do enunciatário, ambos implícitos na enunciação. Sendo o enunciatário sujeito da enunciação, não pode ser considerado como um destinatário passivo, mas, sim, como sujeito produtor do discurso, um co-enunciador²⁰.

A imagem do enunciatário constitui para o enunciador uma das coerções discursivas, visto que o último erige seu discurso tendo em mente uma imagem de seu enunciatário. Porém, assim como no caso do enunciador, é preciso entender esse enunciatário “como uma construção do discurso. Não é o leitor real, mas um leitor ideal, uma imagem de um leitor produzida pelo discurso”²¹.

Aristóteles argumentava que a eficácia do discurso depende do conhecimento que o orador tem de seu auditório. Em sua obra, o autor discorreu sobre as emoções que circundam o auditório para mostrar que “muito conta para a persuasão [...] a forma como o orador se apresenta e como dá a entender as suas disposições aos ouvintes, de modo a fazer que, da parte destes, também haja um determinado estado de espírito em relação ao orador”²². A esse estado de espírito do auditório denomina-se *pathos*. Contudo, o *pathos* “não é a disposição real do auditório, mas a de uma imagem que o enunciador tem do enunciatário”²³. Daí se conclui que a eficácia do discurso se dá quando o *ethos* do enunciador se apresenta a um enunciatário cujo *pathos* tem o mesmo perfil, ou seja, a adesão do enunciatário ao discurso não acontece apenas pelo fato de o discurso expressar um conjunto de ideias de seu interesse, mas, sim, “porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom”²⁴.

¹⁹ FIORIN, 2008, p. 86.

²⁰ GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 171.

²¹ FIORIN, 2008, p. 87.

²² ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 159.

²³ FIORIN, 2008, p. 88.

²⁴ FIORIN, 2008, p. 90-91.

O caminho para apreensão dessa imagem do enunciatário implícito no discurso é o mesmo utilizado para a apreensão do enunciador, já que este, ao construir sua imagem, estabelece uma imagem correlata de seu enunciatário. Cabe ao analista buscar, na materialidade discursiva da totalidade, recorrências em qualquer elemento composicional ou no estilo do discurso.

A noção de *ethos* em Maingueneau

Maingueneau refez os passos da retórica de Aristóteles e elencou os postulados teóricos já apresentados aplicando-os ao conceito de cenas de enunciação. Sua introdução da questão do *ethos* na perspectiva da análise do discurso considerou alguns problemas decorrentes dessa teoria.

Segundo o autor, a distinção entre o *ethos* discursivo e o pré-discursivo não pode se limitar a um conhecimento prévio a respeito do enunciador, já que o próprio gênero do discurso, ou o posicionamento ideológico em que se insere, tem a capacidade de provocar expectativas em seu destinatário. Outro problema por ele suscitado está na tentativa de apreensão do *ethos* como um efeito do discurso, visto que sua percepção pelo intérprete não está apenas naquilo que é verbal, como também no não-verbal, ou seja, tanto as informações do material linguístico como as do ambiente mobilizam a afetividade do intérprete. Sua conclusão é que não se pode definir que a influência do *ethos* sobre o destinatário se dá apenas no âmbito discursivo. Por fim, admite que os efeitos do *ethos* sobre o seu destinatário não é uma área estável, pois o *ethos* visado pelo enunciador pode não ser o *ethos* apreendido pelo destinatário²⁵.

Para construir sua noção de *ethos* e aplicá-la às cenas da enunciação, Maingueneau se apropriou de três pressupostos da retórica de Aristóteles, admitindo o *ethos* como: 1) uma noção discursiva que se constitui por meio do discurso; 2) um processo interativo de influência sobre o outro; 3) “uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma

²⁵ MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 55-61.

conjuntura sócio-histórica determinada”²⁶. Tendo isso por base, o autor propôs uma concepção do *ethos* que ultrapassasse o quadro argumentativo, investigando o processo mais geral da adesão dos sujeitos a determinado posicionamento. Inseriu duas instâncias na apreensão do *ethos*: a de fiador e de incorporação.

A proposta de Maingueneau apresentou um caminho diferente para explicar a identificação de um sujeito à determinada formação discursiva, antes explicada pelo conceito althusseriano de assujeitamento²⁷. Maingueneau recusou uma sociologia externa²⁸ para explicar esse fenômeno, propondo o conceito de incorporação e fiador. Para o autor, o sucesso em conquistar a adesão “consiste em atestar o que é dito na própria enunciação, permitindo a identificação com uma certa determinação do corpo”²⁹.

Por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, o enunciador se torna o fiador do discurso que enuncia. Essa maneira de ser não se constitui de uma caracterologia, mas, sim, de estereótipos culturais que circulam nos domínios mais diversos. Esse caráter e essa corporalidade do fiador advêm de “um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las”³⁰. Por meio de sua fala, o fiador deve conferir a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele construirá em seu enunciado. Nesse ponto se instaura um

²⁶ MAINGUENEAU, 2008, p. 63.

²⁷ Para Althusser a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência, sendo assim, a ideologia interpela indivíduos como sujeitos. Esse processo ideológico que constitui indivíduos concretos em sujeitos é possível graças ao reconhecimento que se dá no momento em que “o sujeito se insere, a si mesmo e a suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos”. BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 24-26. Para melhor compreensão do tema recomenda-se a leitura de: ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

²⁸ O que Maingueneau denominou “sociologia externa” é a ideia de que pertencer a tal grupo social obriga a acreditar em determinado discurso.

²⁹ MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas – SP: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997, p. 49.

³⁰ MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 99.

paradoxo constitutivo: é no próprio enunciado que o fiador legitima sua maneira de dizer³¹.

Para Maingueneau a eficácia do discurso e seu poder para suscitar a adesão residem na compreensão clara de que o co-enunciador não é um sujeito a quem se propõem ideias que correspondam aos seus interesses. Ele é alguém que tem acesso ao dito por uma maneira de dizer enraizada numa maneira de ser³². O texto não tem por finalidade uma contemplação ou um mero assentimento mental, ele propõe mobilizar seu co-enunciador, fazendo-o aderir “fisicamente” a um determinado universo de sentido³³. A isso, Maingueneau denominou incorporação: a maneira pela qual o destinatário se apropria do *ethos*, e também a ação do *ethos* sobre o destinatário.

A incorporação opera em três registros indissociáveis: 1) a enunciação leva o co-enunciador a conferir um *ethos* ao seu fiador, ela lhe dá corpo; 2) o co-enunciador *incorpora*, assimila, desse modo, um conjunto de esquemas que definem para um dado sujeito, pela maneira de controlar seu corpo, de habitá-lo, uma forma específica de se inscrever no mundo; 3) essas duas incorporações permitem a constituição de um *corpo*, o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso³⁴.

Ethos e Pathos no Discurso Iurdiano

A testemunha como fiadora do discurso iurdiano: a construção do *ethos*

Diante da proposta de mundo de um paraíso terrestre que a IURD engendra em seu discurso, nota-se o desafio de atingir a eficácia discursiva, persuadindo o co-enunciador a identificar-se com esse conjunto de valores socialmente especificados que ela propõe. Tal só é possível graças à instauração do fiador do discurso, pois a “qualidade do *ethos*

³¹ MAINGUENEAU, 2004, p. 99.

³² MAINGUENEAU, 1997, p. 49.

³³ MAINGUENEAU, 2004, p. 99.

³⁴ MAINGUENEAU, 2004, p. 99-100.

remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado”³⁵. Observando os *corpora* investigados nesta pesquisa, propõe-se apontar um padrão pelo qual seja possível definir o *ethos* do fiador desse discurso.

O fiador do discurso da IURD é, primeiramente, a pessoa da vida comum. Não se trata de algum *semideus midiático*³⁶, mas, sim, gente *anônima*. Toda imagem que o co-enunciador construirá a respeito do fiador será erigida da própria enunciação. Essa escolha em nada é casual, pelo contrário, quando um testemunho é enunciado por um sujeito anônimo esse dizer participa do acontecimento midiático à medida que, ao testemunhar de si próprio, seu testemunho será tido como válido para todos aqueles que se arrolam nessa mesma categoria, ou seja, ele “se achará instituído em arquétipo social de um modelo de vida profissional (um relojoeiro, um artesão), de um indivíduo sofredor (vítima de doenças, de acidentes, de extorsões), ou de um comportamento extremo”³⁷.

Dado que a estrutura narrativa se constrói na cumplicidade *antes/depois*, devem-se considerar essas duas instâncias do anonimato que aqui convém chamar *antifiador* (um modo de vida condenado pela própria enunciação na construção do *antes* do discurso); e *fiador* (aquele que se apresenta ao co-enunciador como o enunciador do discurso *encarnando* um modo de vida adequado). O *antifiador* é uma instância presa no passado. O acesso que se tem a ele ocorre por meio daquilo que se diz a respeito dele, quer seja pela voz do narrador e a simulação; quer pelo próprio fiador, ao narrar seu passado. Essa lacuna³⁸ é propositalmente deixada, pois à medida que o co-enunciador participa da construção desse

³⁵ MAINGUENEAU, 2004, p. 99.

³⁶ O conceito mitológico foi apropriado por Edgar Morin para explicar como os meios de comunicação de massa criam verdadeiros deuses da cultura, quer por papéis que desenvolvem (em filmes, novelas, etc), ou por uma função que exercem (presidentes, magistrados, etc). MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: Neurose**. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1997.

³⁷ CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 224.

³⁸ Tese levantada por Jauss para analisar o dialogismo nos textos literários. Para o autor, o texto deixa lacunas para que o leitor as preencha interagindo com a obra. Mais detalhes em: JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

desconhecido, percebe-se envolvido num diálogo capaz de despertar em si próprio uma identificação empática. Na verdade esse *antifiador* carrega em si o co-enunciador, pois foi criado pensando nele, à sua imagem e semelhança. O co-enunciador se vê flagrado por esse *anti-ethos* do *antifiador*, por esse anônimo que condena seu modo de vida.

O *antifiador* tem um *anti-ethos* de decadência moral, descontrole emocional, agressividade e fracassos constantes tanto na vida amorosa quanto na vida financeira. Seus gestos são sempre espalhafatosos e sua construção narrativa é sempre dramática. Apesar de tudo, é apresentado como uma vítima e não como culpado. Quase sempre essa sucessão de infortúnios é desencadeada por algum trauma de infância do qual a testemunha foi vítima. A estratégia é eficaz na medida em que, ao denunciar um modo de vida, o faz de forma complacente e não inquisitória para com o seu enunciatário, ou seja, é um discurso que substitui o “*você está errado*” por um: “*entendo como você se sente*”.

Já o *fiador* encarna o modo de vida que a IURD propõe. Seu *ethos* é o do indivíduo de altos padrões morais, de emoções estáveis, do falar sereno e prudente, gestos comedidos e de grande sucesso tanto na vida familiar quanto financeira.

A relação entre esse *anti-ethos* e o *ethos* é de cumplicidade contraditória. O *anti-ethos* se torna uma espécie de ponto de referência a partir do qual se constitui o modo de vida proposto pelo *ethos*. É a partir dos baixos padrões morais no *anti-ethos*, que se pode designar o que se quer dizer com altos padrões morais; é na instabilidade emocional e fracassos denunciados no *anti-ethos*, que se constitui a proposta de um modo de vida feliz e bem sucedido. O *anti-ethos* não compete com *ethos*, pelo contrário, colabora com ele e reforça-o.

Para ilustrar melhor o que até aqui foi argumentado, toma-se o testemunho de Sandra Santos³⁹. O quadro aglutina alguns pontos que evidenciam o modo de vida denunciado no discurso ao mesmo tempo em que propõe um modo de vida ao seu enunciatário. Nota-se que a constituição de ambos se dá tanto na linguagem textual quanto na imagética. O cenário no qual se constitui o *anti-ethos* é sempre mal iluminado, e as

³⁹ SANTOS, Sandra. Milagres de libertação. *Eu creio em milagres*. Disponível em: <www.eucreeioemmilagres.com.br>. Acesso em: mar. 2013.

imagens feitas em ambientes fechados. A sensação de aprisionamento e clausura é evidente. Contrasta com isto as imagens feitas em locais abertos e bem iluminados que servem de cenário para o modo de vida proposto ao enunciatário.

Em se tratando da linguagem textual os enunciados também refletem claramente esta contradição. Do lado esquerdo do quadro termos como tristeza, dor, morte, brigas, depressão e vazio; do lado direito do quadro termos como, felicidade, vida, liberdade, estabilidade, transformação e paz realçam este contraste.

<i>Anti-ethos/modo de vida denunciado</i> <i>O antes da estrutura narrativa</i>	<i>O ethos /modo de vida proposto</i> <i>O depois da estrutura narrativa</i>
“A morte prematura da mãe causou um trauma emocional sem precedentes em Sandra. Além da dor em si, o peso da responsabilidade tornou-se um fardo pesado demais para a tão jovem moça suportar.”	“Hoje, é... a minha vida é totalmente transformada [...]. Eu sou livre de toda a tristeza de toda depressão. Sou uma pessoa feliz no casamento, na família.”
“Pensando assim a jovem sonhadora partiu em busca da felicidade, porém, ter ignorado princípios básicos de valores lhe custou caro.”	“Muito mais que o refrigerio para a sua alma, o que Sandra encontrou ali foi um direcionamento para a mudança total e completa dos seus dias.”
“O refúgio do novo casal passou a ser a companhia de amigos em festas e bebedeiras, que desestruturadamente servia de maquiagem para esta triste realidade conjugal.”	“O meu esposo foi totalmente livre dos vícios, é saudável, é um esposo feliz, é um pai maravilhoso [...]. O meu pai vê ele como exemplo de pai, de esposo.”
“Quando voltava pra casa a realidade era outra. Aí se deparava de novo com a tristeza, com o vazio, com as brigas no casamento.”	“A prática dos ensinamentos recebidos no Cenáculo do Espírito Santo lhe garantiu muito mais que a paz de cada dia, garantiu também a estabilidade conjugal baseada em princípios indissolúveis.”

Nota-se no primeiro quadro a ausência da vida dando início a uma vida-sem-vida. A vida é como um fardo pesado, uma responsabilidade insuportável, fato este gerado pela perda da mãe. Neste caso, viver é sofrer; contrastando com isto está o nascimento de uma *nova* vida marcada pela liberdade, felicidade, e sucesso na família.

No segundo quadro, denuncia-se o abandono de princípios morais em busca da felicidade, condena-se a felicidade a qualquer preço; contrasta

com isto a felicidade verdadeira encontrada somente por meio dos ensinamentos da IURD;

No terceiro quadro denuncia-se a vida de aparências, a boemia como forma de maquiagem a triste realidade conjugal; contrastam com isto as qualificações de um casal feliz, qualificações estas atestadas dentro do próprio pilar da família.

No quarto quadro denuncia-se uma vida conjugal instável marcada pela troca de agressões e desrespeito mútuos; contrasta com isto a harmonia de um casal cujo matrimônio é indissolúvel, estável e cercado de paz e realizações.

O enunciatário pretendido pela IURD: o trabalho do *pathos*

Não se pode falar de empatia sem recorrer aos estudos retóricos sobre o *pathos*. Contudo, para não perder o foco da pesquisa, delimitar-se-á o assunto apenas na perspectiva de um *efeito pretendido*⁴⁰. Em sua extensa obra sobre oratória, Quintiliano propôs que o orador deve se investir dos sentimentos e emoções que deseja produzir em sua audiência⁴¹. Seguindo esse pensamento, Plantin afirma que o “orador deve colocar-se (ou fingir estar) no estado emocional que deseja transmitir. Ele propõe a seu auditório um modelo de emoção capaz de desencadear os mecanismos de **identificação empática**. O trabalho emocional se apoia sobre o trabalho do *ethos*”⁴². Ao sistematizar o assunto nas práticas jurídicas, Lausberg admite não apenas a estratégia de mostrar-se emocionado, como também propõe que o orador precisa se valer de dispositivos linguísticos que, somados ao seu estado emocional (mais ou menos fictício), suscitem na audiência um efeito de testemunha ocular. Sendo o fato algo ocorrido no passado, portanto, ausentes do lugar e do tempo agora compartilhados pelo orador e a audiência, cabe a esses dispositivos

⁴⁰ Para melhor esclarecimento sobre o assunto consultar Patrick Charaudeau. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 180.

⁴¹ QUINTILIANO, M. Fabio. **Instituciones oratorias**. Madri: Imprenta de Pelardo Páez y Compañía, 1916, p. 325.

⁴² PLANTIN, Christian. In: CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 372.

linguísticos reconstruí-los no imaginário do enunciatário por meio do uso de verbos no tempo presente, advérbios que expressem lugar, abordagem de pessoas que figuram na narração e utilização do discurso direto⁴³.

Porém, em um discurso audiovisual, há que se inserir um outro recurso textual capaz de atribuir ao enunciatário o lugar de uma testemunha ocular: a reconstituição por meio da imagem. Para melhor ilustrar o que aqui se diz, a pesquisa recorre ao depoimento de Sandra Santos. Esse depoimento, como muitos outros do acervo, é construído por meio de uma narrativa que envolve um narrador, atores que encenam o passado da testemunha e o depoimento da testemunha. A narrativa descreve a história de Sandra Santos que, na adolescência, viu a mãe morrer aos poucos acometida de câncer. Com a morte da mãe, a menina teve que assumir todas as responsabilidades domésticas. Privada de viver sua adolescência devido a esse incidente, quando atingiu a juventude conheceu um rapaz com quem começou a construir um relacionamento. Porém, ambos se envolveram com vícios, o que culminou em uma crise financeira e constantes brigas no lar. É nesse ponto que o clímax da narrativa se instaura: “E junto com a dificuldade financeira abalou tudo: abalou o casamento, a vida já não estava boa porque já tinha essa tristeza, né, esse vazio”⁴⁴.

Observa-se que o dispositivo linguístico utiliza os pronomes demonstrativos *esse* e *essa*. Esses pronomes de segunda pessoa são estrategicamente utilizados, pois mostram um distanciamento da tristeza e do vazio em relação à pessoa que fala e, ao mesmo tempo, a proximidade desse estado emocional da pessoa com quem se fala. A imagem de Sandra e seu falar convicto e prudente não permitem ao enunciatário atribuir a ela a tristeza e o vazio, mas o convidam a se identificar com a tristeza e o vazio que no passado a habitavam e que, supostamente, habitam no presente esse enunciatário a quem se dirige a fala.

Neste processo constitutivo do *pathos* não se pode ignorar a importante contribuição do texto imagético. No caso do depoimento de Sandra Santos o *antes* da estrutura narrativa é reconstituído por meio de uma

⁴³ LAUSBERG, Heinrich. **Handbook of literary rhetoric**: A foundation for literary study. Boston: Brill, 1998, p. 361.

⁴⁴ SANTOS, Sandra. Milagres de libertação. *Eu creio em milagres*. Disponível em: <www.eucreeioemmilagres.com.br>. Acesso em: mar. 2013. Time code: 2:46 – 3:06.

simulação dramatizada onde atores reproduzem aquilo que foi o passado da fiadora do discurso. Nota-se que não há uma comunicação direta entre os atores e o enunciatário⁴⁵. Esse último é arrastado para dentro da narrativa como uma testemunha ocular que teve acesso, por meio da dramatização, a um passado desconhecido sem comprometer-se ou alterá-lo. A isso Charaudeau denominou *efeito de voyeurismo* “que pode fazer com que o telespectador tenha a impressão de penetrar em uma intimidade sem que a pessoa olhada o saiba”⁴⁶.

Essa impressão é a grande armadilha para o co-enunciador, já que a função do discurso e a finalidade do gênero lhe passam despercebidas pelo próprio lugar que o discurso lhe atribui. Além disso, a imagem produz a ilusão da *encarnação* capaz de autenticar o acontecimento⁴⁷. O caráter *a-contemplativo*⁴⁸ do texto audiovisual dirige o olhar do enunciatário orientando-o sobre os dramas do mundo. Sendo assim, “cumpre um papel social e psíquico de reconhecimento de si através de um mundo que se fez visível”⁴⁹.

Conclusão

O diálogo entre o *eu* explícito e o *tu* implícito na narrativa é um convite constante à identificação empática entre fiador e enunciatário. Cada vez que o fiador enuncia um *eu/era* esse enunciado tem como finalidade suscitar um *eu/sou* no enunciatário. O passado do fiador (re)constituído na narrativa pretende corresponder ao presente do enunciatário. Por conseguinte, cada vez que o discurso enuncia um *eu/sou*, o que se propõe é um modo de vida para o enunciatário, uma espécie de *eis o que tu podes (ou deves) ser*. A identificação empática entre o passado do fiador e o presente

⁴⁵ Tecnicamente falando esta comunicação se dá quando os atores olham diretamente para a câmera produzindo o efeito de estarem encarando seu enunciatário.

⁴⁶ CHARAUDEAU, 2010, p. 112.

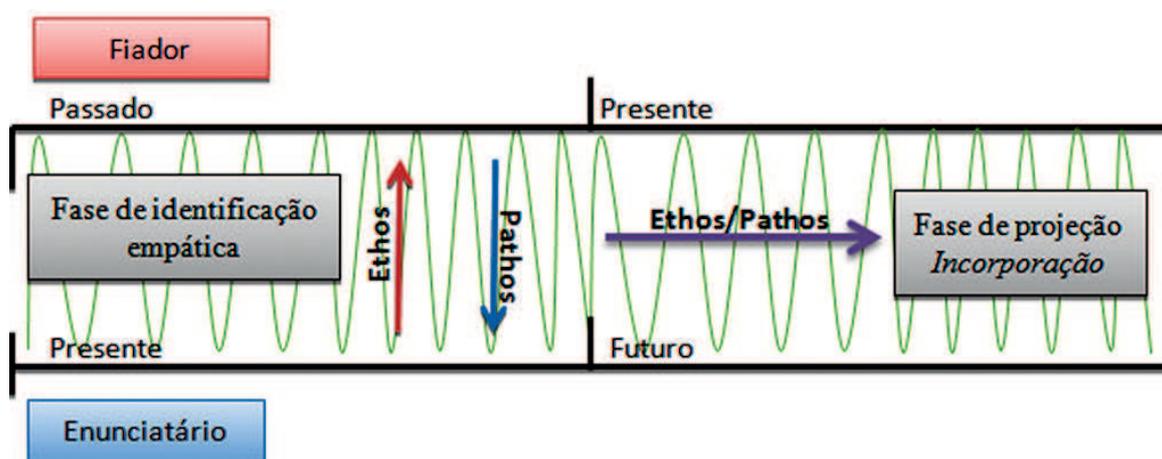
⁴⁷ CHARAUDEAU, 2010, p. 112.

⁴⁸ Para Charaudeau, a contemplação só é possível quando o objeto olhado se fixa ou se desdobra na espessura do tempo, e ao sujeito que olha é assegurada a liberdade para orientar seu olhar. Como na imagem televisual a sequenciação é breve e orienta o olhar do telespectador, pode-se definir que a imagem televisual é “a-contemplativa”. CHARAUDEAU, 2010, p. 112.

⁴⁹ CHARAUDEAU, 2010, p. 112.

do enunciatário induz esse último a projetar seu futuro no presente do fiador. A esse fenômeno Maingueneau denominou incorporação⁵⁰.

Em suma, pode-se esquematizar o que foi argumentado até aqui da seguinte forma:



Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- BARTHES, Roland. **La Aventura semiológica**. Barcelona: Paidós, 1993.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas-SP: Pontes editores, 1995.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis – RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio e UMESP, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- DISCINI, Norma. **O estilo nos textos: histórias em quadrinhos, mídia, literatura**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FIORIN, José Luiz. *Semiótica e comunicação*. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva.
- PORTELLA, Jean Cristtus (orgs). **Semiótica e mídia: Textos, práticas, estratégias**. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

⁵⁰ MAINGUENEAU, 2004, p. 99.

- FONSECA, Alexandre Brasil. *Igreja Universal: um império midiático*. In: ORO, Ari Pedro; CORTEN, André; DOZON, Jean-Pierre (orgs). ***Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé***. São Paulo: Paulinas, 2003.
- FRANCISCO, Adilson José. *Testemunhos de fé: Mídia e transformações religiosas contemporâneas*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: Julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300939137_ARQUIVO_TESTEMUNHOSMIDIATICOS-AnPuhADILSON.pdf>. Acesso em: Jun. 2013.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LAUSBERG, Heinrich. **Handbook of literary rhetoric: A foundation for literary study**. Boston: Brill, 1998.
- MAFRA, Clara Cristina Jost. *Religiosidades em trânsito*. O caso da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil e em Portugal. **Lusotopie**, 1999, p. 378. Disponível em: <<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/mafra.pdf>>. Acesso em: Jun. 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- MORAES, Gerson Leite de. **Idade média evangélica no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- OLIVEIRA, Derli Machado de. **Testemunho, mídia e prosperidade: o evangelho segundo o capitalismo neoliberal**. Dissertação de mestrado. São Cristóvão, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=196747>. Acesso em: Jun. 2013.
- PLANTIN, Christian. In: CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- QUINTILIANO, M. Fabio. **Instituciones oratorias**. Madri: Imprenta de Pelardo Páez y Compañía, 1916.
- SANTOS, Sandra. Milagres de libertação. *Eu creio em milagres*. Disponível em: <www.eucreioemmilagres.com.br>. Acesso em: março 2013.